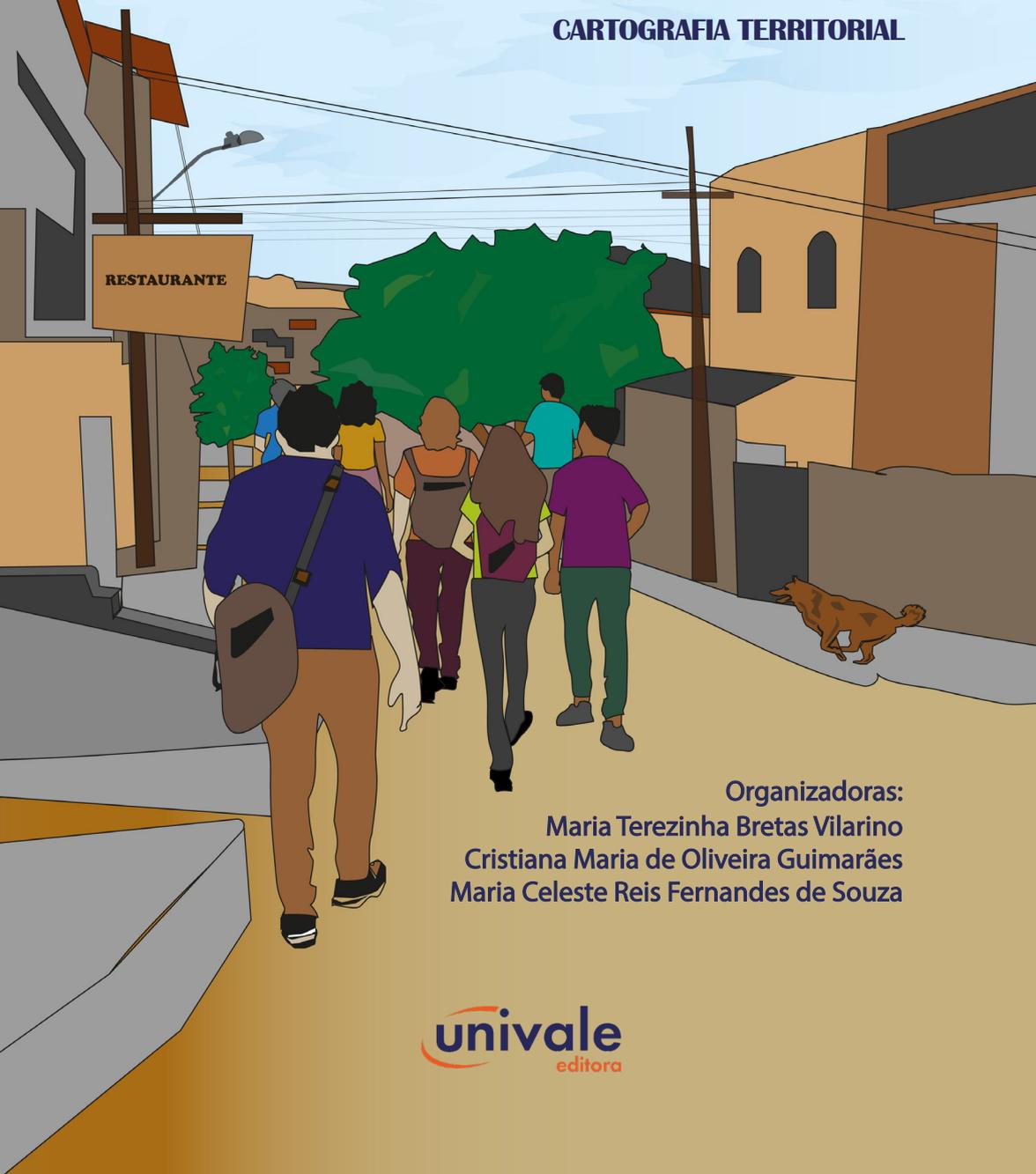


**CAMINHANDO E
CONVERSANDO
COM A**

Cidade

**ENTRADAS PARA UMA
CARTOGRAFIA TERRITORIAL**



Organizadoras:
Maria Terezinha Bretas Vilarino
Cristiana Maria de Oliveira Guimarães
Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

univale
editora

**CAMINHANDO E
CONVERSANDO
COM A**

Cidade

**ENTRADAS PARA UMA
CARTOGRAFIA TERRITORIAL**

**Organizadoras:
Maria Terezinha Bretas Vilarino
Cristiana Maria de Oliveira Guimarães
Maria Celeste Reis Fernandes de Souza**

FUNDAÇÃO PERCIVAL FARQUHAR - FPF

Rômulo César Leite Coelho (Presidente)

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE

Lissandra Lopes Coelho Rocha (Reitora)

Adriana de Oliveira Leite Coelho (Pró-Reitora)

UNIVALE EDITORA

Deborah Luisa Vieira dos Santos (Editora-chefe)

Gabriel da Cruz Ventura (Auxiliar Administrativo)

Isis Carolina Garcia Bispo (Bibliotecária Sibi/UNIVALE)

Nicole Kethy Rodrigues Coimbra (Diagramadora Estagiária)

Rosilene Conceição Maciel (Editora de Artes)

CONSELHO EDITORIAL

Cristiane Mendes Netto (UNIVALE)

Deborah Luisa Vieira dos Santos (UNIVALE)

Elaine Toledo Pitanga Fernandes (UNIVALE)

Eunice Sueli Nodari (UFSC)

Francisco Antônio Rodrigues Barbosa (UFMG)

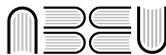
Guilherme Dutra Marinho Cabral (UNIVALE)

Isis Carolina Garcia Bispo (UNIVALE)

Luiz Miguel Oosterbeek (IPT, Portugal)

Maria Lucinda Cruz Dos Santos Fonseca (ULisboa, Portugal)

Sueli Siqueira (UNIVALE)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

**CAMINHANDO E
CONVERSANDO
COM A**

Cidade

**ENTRADAS PARA UMA
CARTOGRAFIA TERRITORIAL**

**Organizadoras:
Maria Terezinha Bretas Vilarino
Cristiana Maria de Oliveira Guimarães
Maria Celeste Reis Fernandes de Souza**

univale
editora

Todos os direitos reservados. © UNIVALE Editora, 2024.

As normas da ABNT e padrão ortográfico são de responsabilidade dos autores.

Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo

PROJETO GRÁFICO, DESENHO E EDITORAÇÃO

Andrea Cecilia Moreno

REVISÃO DE NORMAS TÉCNICAS

Andrea Cecilia Moreno

REVISÃO TEXTUAL

Elyzabeth Lopes Latorre

CONTATO

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em
Gestão Integrada do Território (PPG-GIT)

UNIVALE Editora

Campus Antônio Rodrigues Coelho
R. Israel Pinheiro, 2000 – Universitário
35020-220 Governador
Valadares (MG)
(33) 3279-5974

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas (Sibi/UNIVALE)

C328

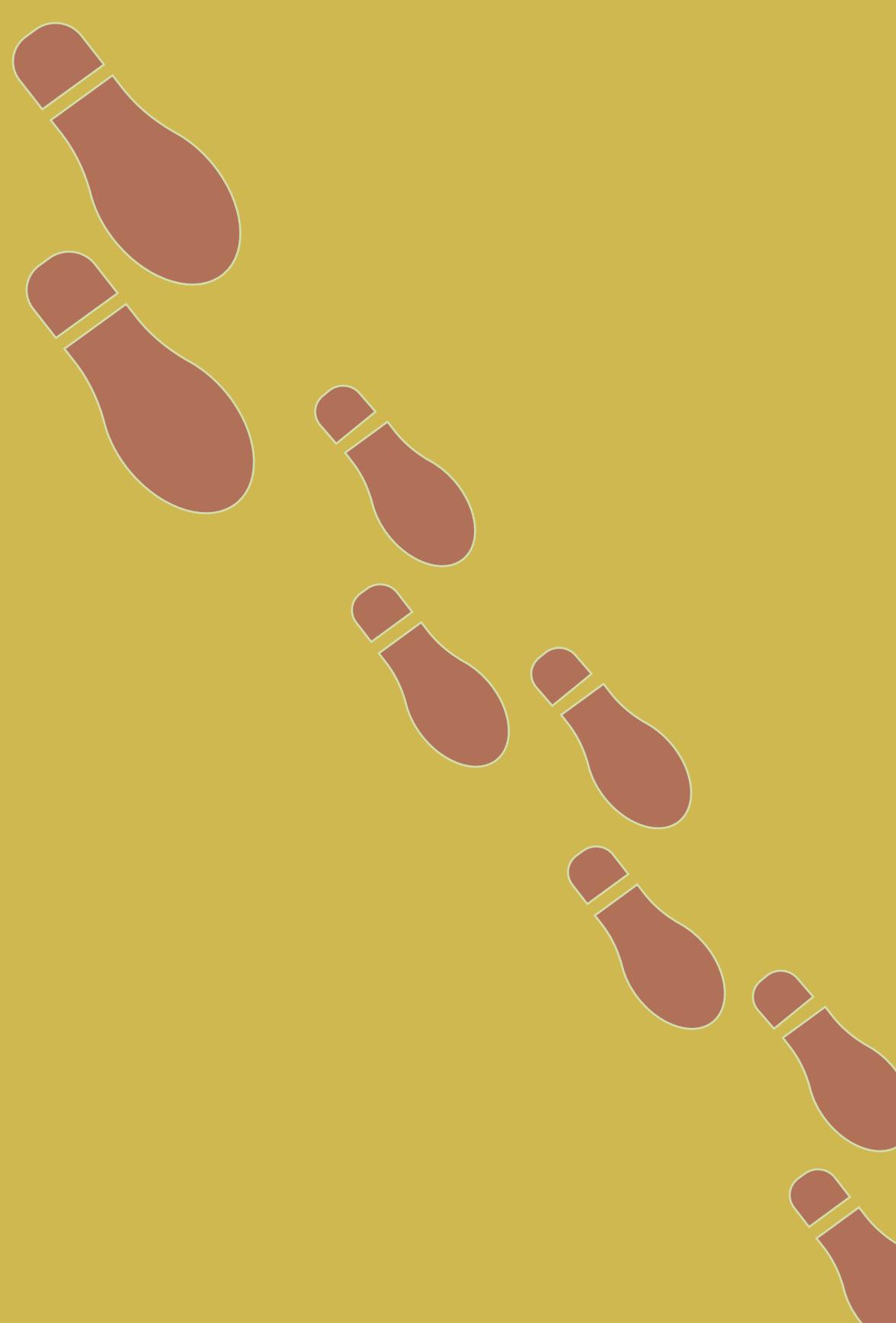
Caminhando e conversando com a cidade: entrada para
uma cartografia territorial / Maria Terezinha Bretas Vilarino,
Cristiana Maria de Oliveira Guimarães, Maria Celeste Reis
Fernandes de Souza (org.). -- Governado Valadares:
UNIVALE, 2024.

86 p. il. color.

ISBN: 978-65-87227-49-8

1. Cartografia. 2. Projeto de pesquisa – Conversando com a
cidade. 3. Governador Valadares (MG) - Bairros. 4. Educação
básica - estudantes. 5. Cartografia. I. Vilarino, Maria Terezinha
Bretas. II. Guimarães, Cristiana Maria de Oliveira. III. Souza,
Maria Celeste Reis Fernandes de. IV. Título.

CDD: 526



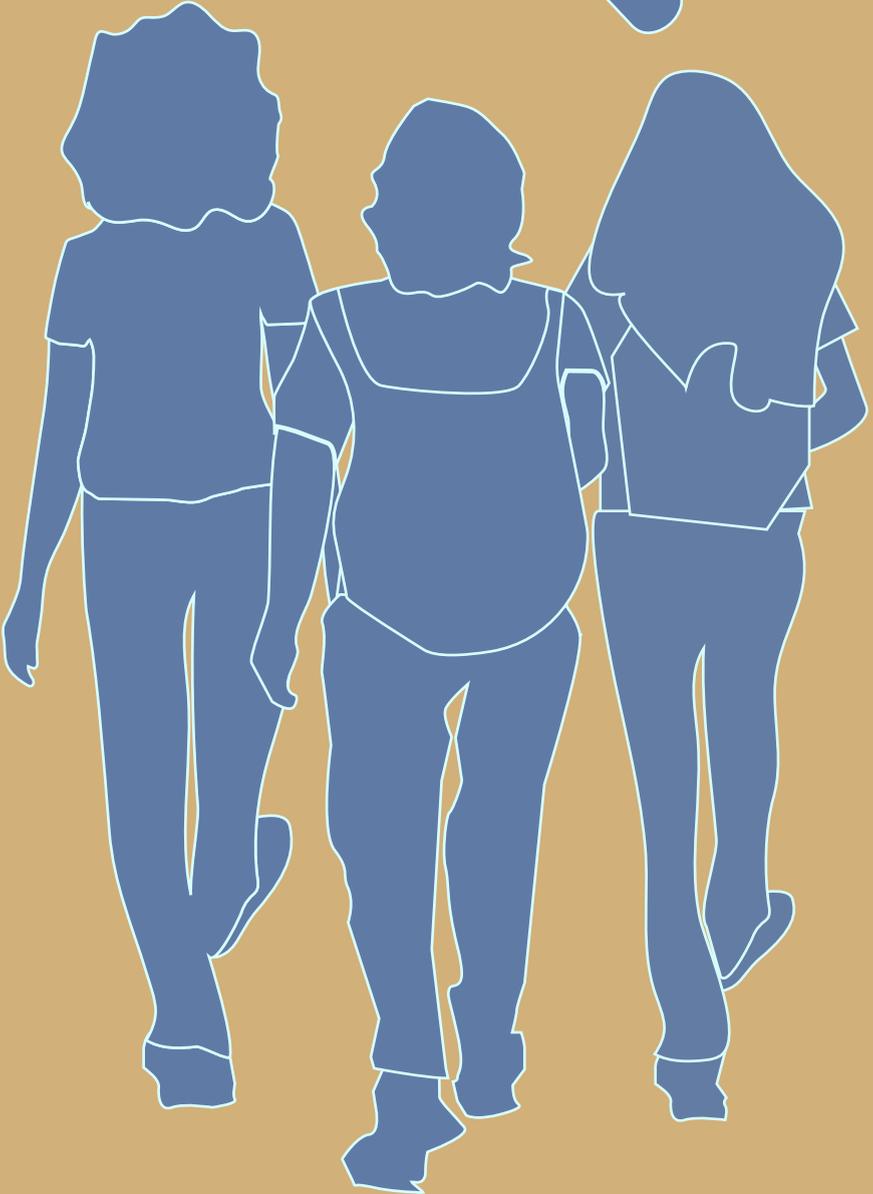
CONVERSANDO COM O PROJETO GRÁFICO

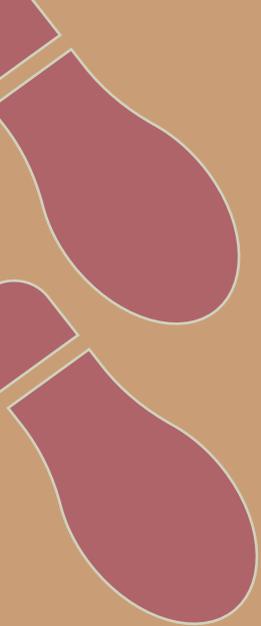
O projeto gráfico “Caminhando e conversando com a Cidade: entradas para uma cartografia territorial” inspira-se no movimento de pesquisa cartográfica territorial, apresentado neste material, que buscou por meio da arte, da história, da educação, da acessibilidade, da comunicação e tecnologias, da saúde e do meio ambiente, captar movimentos no/do bairro em relação aos sentidos atribuídos ao bairro, das relações construídas nesse território, das histórias singulares e coletivas da comunidade, das experiências de vida dos/as moradores/ a.

A capa retrata a entrada no bairro dos/as pesquisadores/as, dos/as estudantes, dos/as professores/as e das pessoas envolvidas no processo cartográfico. Essa imagem busca representar a cartografia como uma possibilidade metodológica que vai além do traçado de mapas, ao incorporar no processo os vividos nos territórios. As cores utilizadas no desenho e ao longo do texto refletem a vivacidade e o movimento das pessoas que vivem e fazem o bairro: seus afazeres, lutas, contradições, bem como suas alegrias e conquistas.

O título destaca a palavra “cidade” com uma tipologia que transmite maior fluidez, dinamicidade, envolvimento e entrelaçamento, pois falar de cidade é falar de movimento constante. As fontes utilizadas e a própria diagramação buscam proporcionar uma limpeza visual e dinâmica em coerência com a descrição da ferramenta apresentada.

Andrea Cecilia Moreno





SUMÁRIO

1 A FERRAMENTA: PROCESSOS E PROCEDIMENTOS	13
MARIA TEREZINHA BRETAS VILARINO CRISTIANA MARIA DE OLIVEIRA GUIMARÃES MARIA CELESTE REIS FERNANDES DE SOUZA	
2 ENTRADAS E PISTAS DE CAMINHADA	23
ENTRADA A: O BAIRRO E SUA HISTÓRIA	28
MARIA TEREZINHA BRETAS VILARINO CRISTIANA MARIA DE OLIVEIRA GUIMARÃES	
ENTRADA B: ACESSIBILIDADE NO BAIRRO	34
CRISTIANA MARIA DE OLIVEIRA GUIMARÃES	
ENTRADA C: ARTE E CULTURA NO BAIRRO	38
KARLA NASCIMENTO DE ALMEIDA BERNARDO GOMES BARBOSA NOGUEIRA	
ENTRADA D: ESCOLAS E OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS DO BAIRRO	42
MARIA CELESTE REIS FERNANDES DE SOUZA ROOSVANY BELTRAME ROCHA	
ENTRADA E: O BAIRRO E O ACESSO À COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA	46
ANDREA CECILIA MORENO CRISTIANE MENDES NETTO WILDMA MESQUITA SILVA	
ENTRADA F: MEIO AMBIENTE NO BAIRRO	50
THIAGO MARTINS SANTOS RENATA BERNARDES FARIA CAMPOS ELOISA MARIA FERREIRA DE ALMEIDA	
ENTRADA G: SAÚDE NO BAIRRO	54
MARIA TEREZINHA BRETAS VILARINO	
3 DICAS PARA USO DA FERRAMENTA	60
MARIA CELESTE REIS FERNANDES DE SOUZA JHONATHAN HWANG GONÇALVES DA SILVA	
DEPOIMENTOS E FOTOS	62
SOBRE OS/AS AUTORES/AS	74
REFERÊNCIAS	80



A FERRAMENTA

processos e
procedimentos

Parte um

1

A FERRAMENTA: PROCESSOS E PROCEDIMENTOS

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

RESUMO

Caminhando e conversando com a cidade: entradas para uma cartografia territorial é uma Tecnologia Social que propõe uma ferramenta teórica-metodológica para a realização de cartografias territoriais baseadas no cotidiano e experiências de estudantes de educação básica. É resultado do Projeto de Pesquisa “Conversando com a cidade: cartografias de territórios educativos em bairros de Governador Valadares”, que por sua vez é inspirado no movimento das cidades educadoras e nos debates no cenário brasileiro, desencadeados de modo mais acentuado nas duas últimas décadas, sobre a ampliação da jornada diária escolar. Esse debate e a implementação de políticas públicas com vistas à educação integral/tempo integral desencadearam reflexões sobre a necessidade de mudanças nos cotidianos das escolas com relação ao tempo escolar, currículos e práticas educativas etc., instigando diálogos entre escolas e territórios. A ferramenta proposta, construída e testada nesse projeto, pode contribuir com educadores/as e pesquisadores/as interessados na construção de elos entre a escola e o bairro, a escola e a cidade, em um movimento dialógico.

OBJETIVO

Apresentar uma ferramenta teórica e metodológica para a realização de cartografias territoriais baseadas no cotidiano e experiências de estudantes de educação básica.

PROBLEMA SOLUCIONADO – CONTEXTUALIZAÇÃO

A elaboração de cartografias territoriais exige um esforço reflexivo que ultrapasse a maneira tradicional de pensarmos os mapas e suas representações, além da incorporação de aspectos socioculturais e experiências cotidianas. No caso da elaboração de cartografias do entorno de uma escola, de um bairro, o esforço demanda pensar a escola e/ou o bairro dentro do cotidiano da cidade e de seus moradores.

Nesse sentido, ao considerarmos a escola, o bairro e a cidade como espaços de aprendizado, estabelecemos uma nova dinâmica pedagógica em que a experiência de vida e as práticas cotidianas dos atores envolvidos no processo educativo sejam nele levados em consideração. O esforço demanda, ainda, pensar o lugar dentro do cotidiano local/regional, considerando também os recortes de tempo e as histórias e memórias de seus moradores (CALLAI, 2005, 2013; CERTEAU 2013; CERTEAU, 2014).

Ao fazermos isso revelamos a historicidade espaço-temporal dos territórios vividos e nos aproximamos, juntamente com estudantes e profissionais da educação básica, dos compromissos e envolvimento que a construção da cidadania exige. A identificação de possibilidades educativas e formadoras na própria cidade, no bairro e na comunidade permite a (re)significação pedagógica desses lugares.

DESCRIÇÃO DA TECNOLOGIA

O projeto no qual se originou essa tecnologia pretendia mapear territórios educativos em três bairros de Governador Valadares (MG). Para isso, selecionamos três escolas, cada uma em um bairro considerado socioeconomicamente vulnerável, e intencionalmente, convidamos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, que se reconheceram no processo como cartógrafos/as. Foram envolvidos 147 estudantes e outros profissionais da educação básica, das escolas campo de pesquisa, no processo de produção das cartografias.

O esforço empreendido para a escuta atenta desse grupo e as demandas, anseios, leituras dos territórios trazidas pelos/as estudantes se sustentaram nas contribuições de Paulo Freire e em sua defesa da educação como processos: dialógico, que se sustenta na horizontalidade dos saberes, valorando as pessoas e seu protagonismo como sujeitos históricos, político e cidadão – no reconhecimento da coletividade constitutiva da cidadania. Coerente com esses processos ele nos propõe modos de pensar a relação entre pessoas e cidade: “a cidade somos nós também, nossa cultura, que gestando-se nela, no corpo de suas tradições, nos faz e nos refaz. Perfilamos a cidade e por ela somos perfilados” (FREIRE, 2001, p. 14).

Portanto, não era simples a realização da cartografia que se pautasse na escuta atenta do/as estudantes e que fosse propiciadora de mais aproximações entre escolas e territórios: muitos são os modos de abordagem e suas possibilidades. Como começar a produzir cartografias? Seriam produzidas a partir das ruas? Pelas construções mais importantes ou mais antigas? Essas opções supõem uma pré-seleção que em si já é fruto de um saber pré-concebido e, por isso, contrariava nossos ideais de coparticipação.

Para resolver esse impasse teórico-metodológico, estabelecemos uma dinâmica para uma cartografia que estabelecesse o diálogo entre a escola, o bairro, a cidade e seus sujeitos. Inspiramo-nos em uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino, que pode ser alcançada de dois modos, como o autor sugere: “Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar” (CALVINO, 1990, p. 21).

Essa ideia de Calvino nos remete à diversidade temática que perpassa a cidade, o bairro ou as comunidades: educação, saúde, formação histórica, ambiente, vulnerabilidades, comunicação, arte, entre outras. Cada uma destas, por nós nomeadas *entradas*, permite uma visão da cidade, do bairro ou da comunidade, como também permite uma saída para interpretação desses lugares pelo olhar de quem observa ou vive sua realidade. A saída

tem como bússola as perguntas que o visitante/caminhante faz ao entrar.

A multiplicidade de *entradas* foi instigadora da fertilidade do exercício interdisciplinar entre as distintas áreas de formação de pesquisadores/as, e a fertilidade do diálogo produzido com os diversos profissionais da educação básica, que se envolveram na proposta, foram fundamentais para o protagonismo dos/as estudantes. Tudo isso possibilitou a elaboração da Tecnologia Social que permitiu transformar práticas educativas nas escolas envolvidas, disseminando-as para outras escolas.

Do ponto de vista metodológico, a inspiração veio da cartografia social que consiste em um conjunto de práticas participativas (trocas de experiências, relatos, entrevistas etc.) que podem mapear: hábitos, pessoas/personagens, espaços de sociabilidade, eventos, estratégias de resiliência, saberes locais, espaços simbólicos que valorizam a memória e a identidade do território; da mesma forma, é possível também mapear ausências, conflitos, vulnerabilidades e anseios (ACSELRAD, 2008; 2013; ALMEIDA; JUNIOR, 2013; GOMES, 2017).

Essa escolha metodológica, a diversidade de áreas de formação do grupo de pesquisa, o protagonismo e saberes dos/as estudantes e profissionais da educação básica, e escolhas teóricas assumidas, contribuíram para a proposição da ferramenta. Além das possibilidades teóricas já citadas e outras que comparecerão neste material, que podem ser conferidas nas referências bibliográficas, destacamos o reconhecimento de que os territórios se constituem pelas identidades, culturas, memórias, cotidianos, práticas, relações de poder etc. e que ruas/bairros/cidades são, primordialmente, territórios de direitos.

OPERACIONALIZANDO A FERRAMENTA

Na prática, seguimos o roteiro abaixo:

1. A formação da equipe de pesquisadores/as a partir da definição das entradas

Os professores/pesquisadores foram divididos a partir dos temas de cada entrada e suas áreas de trabalho e atuação. Como o grupo era grande, cada entrada teve uma dupla responsável. Contudo, isso pode ser modificado: um professor/pesquisador/coordenador para cada entrada, três ou mais ou até um coordenador/pesquisador para todas as entradas.

2. Os/as estudantes como cartógrafos/as

Um movimento inicial junto aos estudantes das escolas participantes foi, além do conhecimento do grupo, a exploração do tema “cartografia” provocando reflexões de que a elaboração de cartografias vai além da identificação de lugares em um mapa. Foram organizadas rodas de conversas com vistas a convidar os/as estudantes ao engajamento com a proposta e a se tornarem cartógrafos. Para contribuir e sustentar os diálogos, tomou-se como ponto de partida o compartilhamento das experiências de estudantes no bairro, e os diálogos foram enriquecidos com fotografias do bairro, exploração de mapas físicos e virtuais pelo grupo, como os disponibilizados pela plataforma on-line *Google My Maps*, elaboração de mapas mentais individuais, elaboração individual de histórias dos/as estudantes em suas vivências no bairro, elaboração de mapas coletivos do bairro com possíveis trajetos a serem explorados.

3. Os/as estudantes cartógrafos/as preparando para explorar o bairro – a caminhada transversal

A caminhada transversal é uma técnica simples que proporciona momentos de participação e de construção de conhecimento geral sobre

a área em estudo. A partir da opção por essa técnica, que foi utilizada para propiciar a exploração do bairro pelos/as estudantes, foram necessários alguns protocolos:

3.1 Oficinas temáticas com os/as estudantes coordenadas pelos/as responsáveis por cada *entrada*, para discussão e validação do guia de caminhada – tópicos elaborados e discutidos com os/as estudantes sobre o que deveríamos observar ao caminharmos pelo bairro e que locais se apresentavam como interessantes para a observação pretendida.

3.2 Discussão com os/as estudantes para definição dos trajetos a serem percorridos na caminhada. Importante observar que os itinerários também foram discutidos com a equipe de profissionais da escola, envolvidos na proposta. Vale lembrar, nesse ponto, da importância de uma escuta atenta às rotas interdidas, perigosas e afins na elaboração desse percurso. Esse processo é, em si mesmo, revelador de muitas histórias e do cotidiano do bairro.

3.3 A saída a campo: em cada uma das escolas os/as estudantes foram divididos em grupos acompanhados de profissionais da escola e por pesquisadores/as de cada uma das entradas. As equipes saíram a campo, em caminhada, com foco na observação dos pontos que pudessem responder às perguntas norteadoras de cada entrada, como pode ser conferido nesse material.

Observamos que os trajetos eram monitorados pelos/as estudantes com a ajuda de aplicativos disponíveis na web e que permitem traçar e acompanhar itinerários.

4. O debate sobre o observado – rodas de conversa

Cada dupla de professores/pesquisadores se reuniu com o grupo de estudantes participantes para a realização de rodas de conversa, cujo objetivo era reflexão sobre as impressões advindas da caminhada.

5. Produção de textos, mapas e desenhos

Após o trabalho de campo propriamente dito, os grupos se reuniram para a produção de uma síntese das observações e impressões dos estudantes. Os formatos resultantes foram variados: textos dissertativos, mapas digitais, poesias, desenhos, músicas.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os resultados devem dimensionados em dois âmbitos: subjetivo e outro mais objetivo.

No primeiro, conseguimos o envolvimento da comunidade escolar, professores e estudantes. Em termos objetivos, os materiais produzidos foram reunidos em três *e-books*, cada um referente a uma escola e bairro participante. Os *e-books* foram disponibilizados à comunidade e a todos interessados.

PÚBLICO ATENDIDO

- Estudantes da educação básica da rede pública de ensino.
- Professores e gestores da educação básica da rede pública de ensino.

APLICABILIDADE E REPLICABILIDADE

A Tecnologia Social apresentada pode ser reaplicada em diversos contextos em que se busque revelar e contribuir para a apropriação territorial dos espaços vividos pelos grupos ou coletivos.



Se você deseja reuplicá-la, seguem algumas dicas que aprendemos no processo de elaboração dessa ferramenta. Acompanhe a explicação de todo o processo na parte 2 e na parte 3 as dicas para uso da ferramenta.





ENTRADAS E PISTAS DE CAMINHADA

Parte dois

2



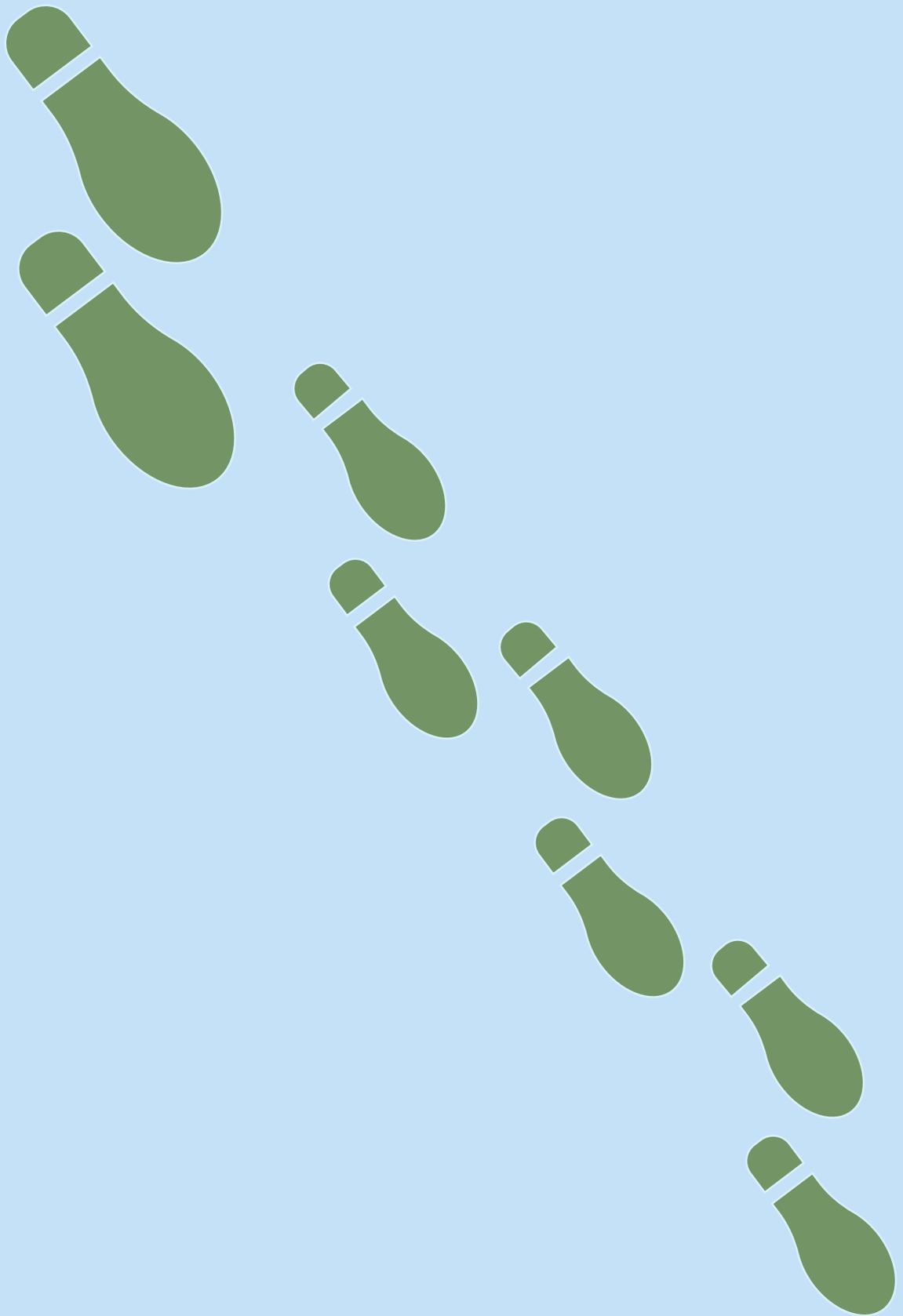
Cartógrafo e cartógrafa do 9º ano¹ no bairro (...)

Olá, convidamos você a caminhar conosco por algumas ruas do bairro (...). O convite é para caminharmos e observarmos algumas pistas para nos orientar no percurso e que apresentamos a seguir. Você pode marcar a existência ou não dessas pistas e anotar, com o seu grupo, no espaço em branco o que desejar. Caminharemos pela rua indicada durante cerca de uma hora e depois retornaremos à escola. Você pode combinar com o seu grupo de tirar fotos do que mais chamar a atenção de vocês.

Boa caminhada.

¹ O projeto de pesquisa do qual nasceu esta Tecnologia Social convidou jovens estudantes do 9º ano do ensino fundamental, mas sua replicabilidade fica a critério da equipe de pesquisa ou professores/as que forem utilizá-la.





ENTRADA A

o bairro e sua
história

E NTRADA A: O BAIRRO E SUA HISTÓRIA

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Conhecer a história do lugar onde se vive ajuda a compreender as relações que ali se constroem e como elas se ligam a escalas maiores, do local ao global. Por isso, devemos ficar atentos a detalhes que não estão contados nas histórias oficiais das cidades e bairros. Na maioria das vezes, essas histórias não levam em consideração a participação das pessoas comuns, dos trabalhadores, das mulheres, dos jovens e crianças, centrando-se em personagens políticas e/ou de poder econômico que se destacam nas localidades.

Dessa forma, ficamos conhecendo somente um lado da história que acaba escondendo outros cotidianos. Assim, colocar os bairros, o cotidiano e os percursos dos moradores em evidência, valorizar os equipamentos urbanos existentes, são formas de reconhecimento de uma identidade própria dos bairros e dos seus moradores (CALLAI, 2013). Uma cartografia social dos lugares pode desempenhar um papel importante na configuração das identidades individuais e coletivas (e/ou territoriais), ao incorporar a reflexão sobre aspectos da história, das relações pessoais, afetividades, compromissos com o grupo, cultura, relação entre gerações, potencialidades e vulnerabilidades, disputas ou acordos existentes (ACSELRAD, 2013).

A proposta desta entrada - *História e equipamentos urbanos* - tem como ponto de partida a busca por objetos, construções ou vestígios que possam contar um pouco de história dos bairros para entendermos a sua formação histórica e as mudanças em sua urbanização ao longo do tempo.

Desse modo, nossa proposta de observação e registro definiu alguns pontos de referência:

1. Para pensarmos a história, procuramos descobrir construções antigas ou diferentes e o tipo de arquitetura e detalhes que chamassem atenção. Também procuramos observar a existência de monumentos, estátuas e esculturas. Observamos os nomes de ruas e praças e tentamos descobrir histórias antigas sobre pessoas, estabelecimentos, ou algumas “lendas urbanas”.

2. Para acompanharmos as mudanças urbanas do bairro, procuramos observar: quais meios de transporte são acessados pela população; se há mercados, quitandas, hortifrúteis, bancas ou feiras livres (alimentos frescos); se há açougues, padarias, farmácias, salão de beleza, academia, lotéricas ou caixas eletrônicas, oficinas, assistência técnica e reparação (eletroeletrônicos, eletrodomésticos, veículos, bicicletas etc.); lojas de material de construção. Observamos se, na rua ou em suas proximidades, há comércio e de que tipo. Observamos se, na rua ou em suas proximidades, há serviços, como escola de inglês, consultórios médicos, dentistas, psicólogos, escritórios de contabilidade ou advocacia. Observamos se, na rua ou em suas proximidades, há equipamentos de lazer, como cinemas, bares, danceterias, galerias de arte, casas de show (ou bares com música ao vivo), restaurantes. Observamos se, na rua ou em suas proximidades, há locais de encontro para jovens e adolescentes, como quadras, pistas de skate e outros.



Pistas de observação - história

- 1.** Você mora no bairro? Há quanto tempo? Conhece alguém que mora no bairro? Frequenta o bairro? Em que lugares costuma ir?
- 2.** Vamos observar construções, antigas ou diferentes? É possível descrever o tipo de arquitetura e detalhes que chamem atenção? Vamos tentar descobrir a data de construção?

3. Existem monumentos estátuas e esculturas? De que tipo?

Vamos tentar descobrir a data de construção?

Você conhece pessoas envolvidas na construção?

É possível descobrir o motivo da construção?

4. Vamos conhecer os nomes de ruas e praças e anotar os nomes?

Será que houve mudança de nome?

Podemos relacionar os nomes das ruas com história da cidade, estado, país?

Existem nomes estrangeiros nesses lugares?

5. Você sabe de histórias antigas sobre pessoas, estabelecimentos, algumas "lendas urbanas"?

6. Se for possível vamos conversar com moradores, donos de estabelecimento, familiares...

Pistas de observação - equipamentos urbanos



1. Vamos observar quais os meios de transporte acontecem na rua? Durante a caminhada, percebemos a passagem de ônibus?

Muitos? E o fluxo dos carros: pequeno, médio ou grande?

2. Sobre os ônibus: há pontos de ônibus na rua?

Como eles são, cobertos, tem lugar para sentar-se, estão bem conservados?

Há pontos de ônibus nas proximidades da rua? Como são?

Há pontos de táxi? Ou de vans?

Há outros modos de transporte que circulam pela rua? Quais?

3. Vamos observar se na rua, ou em suas proximidades, há mercados, quitandas, hortifrúteis, bancas ou feiras livres (alimentos frescos)?

4. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há açougues; padarias; farmácias; salão de beleza; academia; lotéricas ou caixas eletrônicos; oficinas, assistência técnica e reparação (eletroeletrônicos, eletrodomésticos,

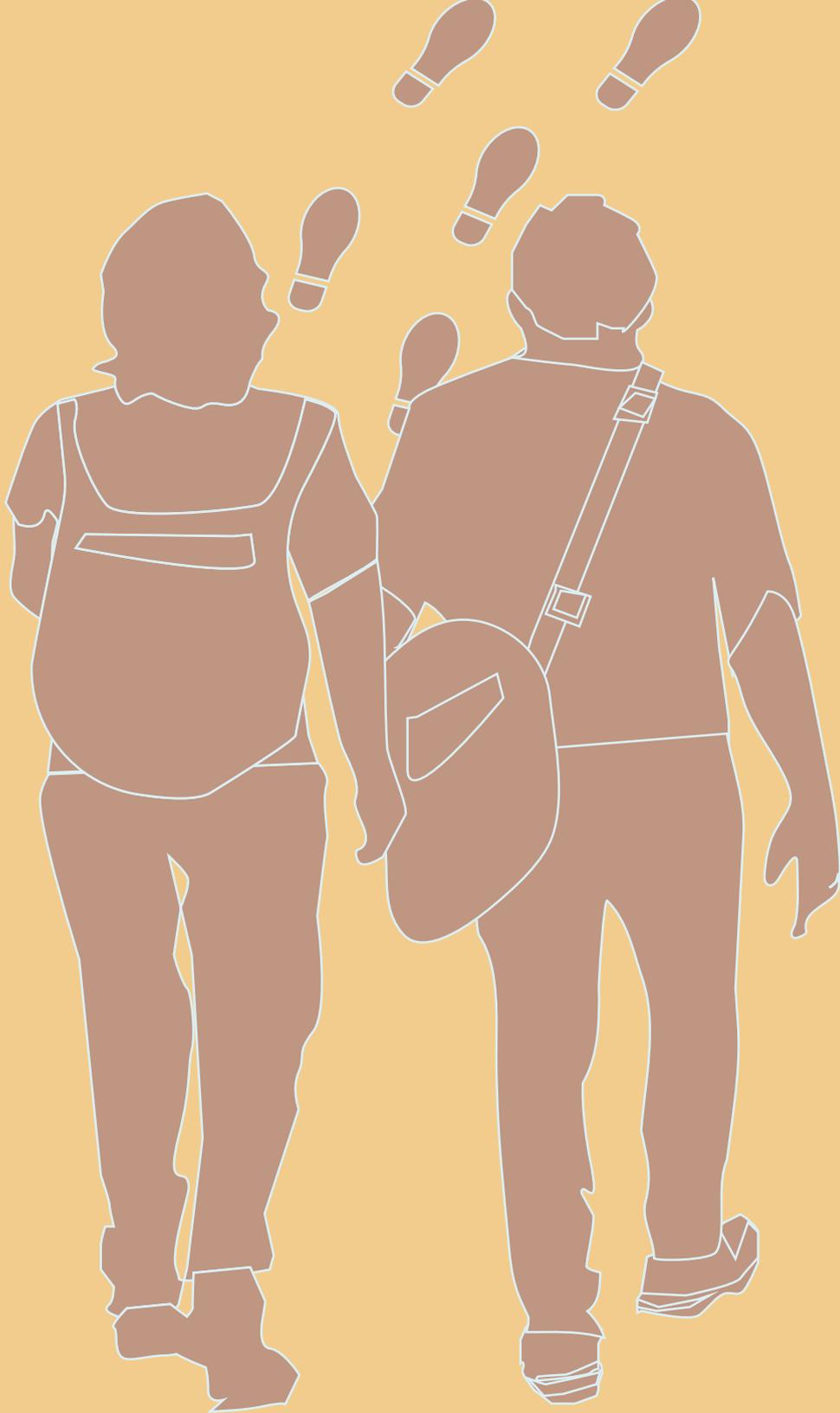
veículos, bicicletas etc); lojas de material de construção. Comentar explicando quais desses itens e quantas unidades de cada.

5. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há comércio. Quais tipos de lojas?

6. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há serviços, como escola de inglês, consultórios médicos, dentistas, psicólogos, escritórios de contabilidade ou advocacia.

7. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há equipamentos de lazer, como cinemas, bares, danceterias, galerias de arte, casas de show (ou bares com música ao vivo), restaurantes...

8. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há locais de encontro para jovens e adolescentes, como quadras, pistas de skate e outros.





ENTRADA B

acessibilidade no
bairro



E NTRADA B: ACESSIBILIDADE NO BAIRRO

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Todo mundo diz sobre determinada coisa ou serviço: “É muito acessível!”; ou o seu contrário: “Tão inacessível, não é para todo mundo!” Na maioria das vezes, essas frases se referem às coisas que por um motivo ou outro não estão disponibilizadas a todos, por terem um custo muito elevado, ou por estarem em locais muito restritos, ou ainda, por serem de fato exclusivas a um grupo restrito de pessoas, como os famosos *espaços vip*.

Esse senso comum sustenta o conceito de acessibilidade vinculado aos espaços, tanto os arquitetônicos, interiores ou exteriores, como o urbano, nossas ruas, calçadas, praças. De acordo com as Normas Técnicas (ABNT, 2015) que regulam o assunto, acessibilidade é:

possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (ABNT, 2015, p.2).

Nossa legislação, ao definir que todos os espaços de uso coletivo, privados ou públicos, devem ser acessíveis, transformou a acessibilidade em um *direito*. Além disso, prezar pela acessibilidade nos locais onde a vida se realiza em nosso cotidiano implica na possibilidade de uso e apropriação plena desses espaços. Por sua vez, essas são condições inegociáveis para o exercício fundamental do direito à cidade.

Inspiradas nessa utopia, as perguntas norteadoras para essa pista são orientadoras e não excludentes de outras abordagens.



Pistas de observação - acessibilidade

- 1.** Vamos conferir se existem rampas de acesso às calçadas, ou aos lugares, para cadeiras de rodas, pessoas com carrinhos de bebê, carrinhos de compras etc.? Comentar se essas pessoas conseguiriam andar com facilidade na rua.
- 2.** Vamos conferir a existência de buracos nas calçadas, de calçamentos irregulares ou escorregadios, cheios de folhas ou flores caídas. Comentar se as pessoas idosas, com bengalas ou andadores conseguiriam andar com facilidade na rua, ou mesmo alguém de salto alto?
- 3.** Será que pessoas com dificuldades e/ou deficiência visual conseguiriam sem a ajuda de outra pessoa, se movimentar na rua, sem cair em buracos, “trombar” em lixeiras ou postes, vasos de plantas ou árvores?
- 4.** Temos semáforos nos cruzamentos das ruas? Se sim, verificar se há além da sinalização visual, a sonora, para atender pessoas cegas.
- 5.** Temos faixas para pedestres nos cruzamentos? Qual a situação delas?
- 6.** No caso dos equipamentos de lazer, das praças e locais de encontro: você acha que o acesso a esses é adequado a todos, incluindo, pessoas com deficiência visual, cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebês, idosos?
- 7.** Temos vagas de estacionamento reservadas para pessoas com deficiência e idosos. Comentar.



ENTRADA C

arte e cultura no
bairro

E NTRADA C: ARTE E CULTURA NO BAIRRO

Karla Nascimento de Almeida
Bernardo Gomes Barbosa Nogueira

Arte e cultura são experiências constitutivas do humano, formas de expressão territorializadas em um movimento dinâmico, aberto e relacional. Arte e cultura como experiência/existência/vida das pessoas, seus modos singulares de habitar o mundo, de expressar sentimentos, de resistir, de fugir da materialidade concreta, de criar-recriar outras possibilidades de reinvenção de si mesmas na partilha da vida com outros.

Buscamos cartografar vivências da arte e cultura na escola e nos cotidianos dos/as jovens, valorizando saberes construídos ao longo da vida, em suas experiências, nas diversas maneiras de se expressar, de fruir... A arte comparece, assim, como um horizonte de humanidade, que resiste e desafia o que está posto, abrindo portas, criando entradas para que a gente se veja maior a cada encontro, consigo, com o outro e com o mundo!

Como pistas iniciais para esse movimento, elencamos as que seguem, cientes de que no processo da cartografia, aberto e dinâmico, muitas outras provocações podem e devem emergir.

Pistas de observação - arte e cultura



- 1.** Que experiências você tem com a arte na escola?
- 2.** E no bairro, quais suas vivências de arte?
- 3.** O que você costuma fazer para expressar suas emoções e sentimentos?

- 4.** Que linguagens de arte são mais experienciadas por você? A música, dança, desenhos...?
- 5.** Que lugares no bairro você considera que são espaços para vivências de arte, para experiências artísticas?
- 6.** Há marcas de arte pelo bairro?
- 7.** Você observou na rua algum sinal de que tem artista morando nela?
- 8.** A rua tem graffiti nos muros, pichação?
- 9.** Você conhece pessoas que produzem arte no bairro?
- 10.** Sabe de alguma festa realizada neste bairro?
- 11.** Tem alguma feira de artesanato por aqui?
- 12.** É possível observar pessoas ouvindo música? Em que locais elas estão?
- 13.** Em que lugares os jovens costumam se encontrar? O que eles fazem?



ENTRADA D

escolas e
outros espaços
educativos do
bairro

E NTRADA D: ESCOLAS E OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS DO BAIRRO

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Roosvany Beltrame Rocha

Pode-se entrar em um bairro e em uma cidade pela educação – olhando intencionalmente para escolas e outros espaços que se propõem a educar, como territórios educativos. Esses territórios carregam historicidades no bairro, se constroem por meio das pessoas que por eles circulam, das propostas educativas que guiam seu existir naquela localidade, pelas relações estabelecidas no intra e extramuros, pelas práticas, pelas culturas, pela arquitetura, pela atenção às dinâmicas do bairro ao qual pertencem.

Adotamos um modo de pensar a escola que se fundamenta no direito à educação, e em pensadores/as do campo da educação como Paulo Freire, que nos convida a olhar para a escola como lugar do encontro com o outro; do confrontar-se com pontos de vista; da veiculação de distintos saberes, dentre eles o saber escolar; do diálogo; da formação política e cidadã; como lugar da acolhida; de encontro das diferenças; do discurso que se pronuncia na limpeza das escolas, do cuidado com os ambientes... Como ele nos lembra “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (FREIRE, 1996, p. 50) e em sua imaterialidade – dos sentidos e pertencimentos. Por isso, exploramos a escola, que os/a estudantes frequentam, convidando-os/as a olhar para ela, e os provocamos para que pensassem o que significava estudar naquela escola.

Em alguns bairros encontramos outras escolas e outros espaços que se propõem a educar, com outros propósitos que não os escolares. Mas que também, por meio das suas histórias, arquiteturas, pessoas, práticas, saberes que ali circulam, acolhidas de crianças, adolescentes, jovens e pessoas idosas, são lugares de encontros, de saberes diversos,

de aprendizagens e carregam intencionalidades em seus propósitos de existir no bairro – há também uma pedagogicidade material e imaterial nesses territórios.

Esses territórios podem ser objeto de atenção de caminhantes – e por isso elaboramos nossas pistas de caminhada – e que podem contribuir para refletir sobre cada um desses territórios nas dinâmicas do bairro.

Pistas de observação - escola e espaços educativos



- 1.** Temos alguma escola ou espaço educativo nesta rua? Vamos anotar o endereço?
- 2.** Tem uma placa com o nome e a data de construção?
- 3.** O que tem em volta?
- 4.** Podemos descrever o aspecto da construção deste espaço?
- 5.** Tem ponto de ônibus por perto?
- 6.** Como é o trânsito perto da escola ou do espaço educativo? Tem placa indicativa ou quebra-molas?
- 7.** Este espaço é acessível para cadeirantes?
- 8.** Como é o muro do espaço observado? O que tem de pintura no muro?
- 9.** Você observa sistema de segurança nesse espaço, como cerca elétrica, por exemplo? Podemos pensar por que esses sistemas são necessários?
- 10.** Se for uma escola você conhece pessoas que estudam nela? Você a escolheria para estudar?
- 11.** Você sabe de festas feitas no espaço observado, ou se ela é usada pela comunidade?
- 12.** Você frequenta este espaço? O que faz nele e o que aprende?
- 13.** Você conhece alguma história, ou caso interessante que aconteceu na escola ou no espaço educativo?
- 14.** O que você imagina que as pessoas aprendem nesse espaço?





ENTRADA E

o bairro e
o acesso à
comunicação e
tecnologia



E NTRADA E: O BAIRRO E O ACESSO À COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA

Andrea Cecilia Moreno

Cristiane Mendes Netto

Wildma Mesquita Silva

A presença das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) nas diversas esferas da vida tem contribuído para que o ser humano estabeleça outras formas de relação consigo mesmo e com os outros, com a educação, a informação, a cultura, a comunicação, o trabalho, a saúde, entre outros. Observar essas relações de uso, acesso e de sentido das TDIC, em seus vínculos territoriais, nos permite refletir sobre os impactos e/ou benefícios que elas produzem nas pessoas, no território, na sociedade, bem como identificar as desigualdades existentes que impedem o acesso de qualidade e a utilização efetiva dessas tecnologias.

Andar por diversos territórios favorece observar os tipos de tecnologias e equipamentos utilizados pelos moradores, bem como o tipo de infraestrutura presente, como redes de internet e serviços de telecomunicações. Outros aspectos podem ser observados no bairro, na cidade, na escola, tais como, habilidades básicas de computação, alfabetização digital e conhecimento sobre como encontrar informações on-line de forma segura e confiável.

Inspiradas nesse movimento, as perguntas norteadoras para essa pista são orientadoras e não excludentes de outras abordagens.

Pistas de observação - acesso à comunicação e tecnologia



- 1.** Temos postes e conexões de fios nesse local? Como são? Há diferença entre os locais?
- 2.** As casas possuem antenas de TV? Quais tipos de antenas?
- 3.** É possível, ao caminhar, conferir se há sinal de internet durante o percurso? Em quais locais?
- 4.** O sinal de internet se altera dependendo das localidades? Como podemos observar isso?
- 5.** As pessoas que transitam pela rua estão usando celulares? Caso existam pessoas com o celular, como elas estão usando os seus aparelhos?
- 6.** É possível observar pessoas fazendo uso de televisão e rádio em algum local? O que estão assistindo?
- 7.** Você sabe se existem grupos de WhatsApp ou no Facebook dos moradores do bairro? Como é feita a comunicação entre os moradores?
- 8.** Que ícones ou elementos das tecnologias digitais podem ser encontrados nos estabelecimentos comerciais e nos muros do bairro?
- 9.** Agora, me fale sobre sua relação com as tecnologias: como você as utiliza no bairro?
- 10.** E na escola: em quais momentos são mais utilizadas?
- 11.** Em que medida você considera que as tecnologias digitais ajudam mais? Elas atrapalham em algum momento? quando?





ENTRADA F

o bairro e o meio
ambiente



E NTRADA F: O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE

Thiago Martins Santos

Renata Bernardes Faria Campos

Eloisa Maria Ferreira de Almeida

Em nossos estudos, partimos da ideia de que o meio ambiente do bairro é educativo, para defendermos a efetivação do direito ao bairro e as possibilidades formativas que ele oferece aos/às estudantes das escolas de educação básica, numa perspectiva de educação integral e integrada.

Nas caminhadas pelo bairro, lançamos mão da interdisciplinaridade, com o objetivo de permitir aos/às estudantes o conhecimento de uma concepção de meio ambiente multidimensional, complexo, que articula a existência social e natural da sua composição. Assim, interessou-nos olhar não apenas os elementos naturais do ambiente, mas os modos como eles se relacionam com as pessoas naquele lugar.

Para guiar nossas caminhadas, portanto, criamos pistas que nos possibilitaram refletir sobre a interface entre as pessoas, a água, o lixo, o solo, o esgoto, os animais, as áreas verdes, que são temas corriqueiros da educação ambiental escolar. Essas pistas nos conduziram a uma multiplicidade de olhares, saberes e práticas que contemplam as diferentes maneiras e possibilidades de produzir conhecimentos sobre o meio ambiente de um bairro, por meio de cartografias.

As pistas elaboradas podem ser replicadas e/ou adaptadas a outras realidades e intencionalidades educativas, por professores/as e grupos sociais, bem como constituir uma ferramenta para pesquisadores/as que, como nós, defendem uma concepção ampliada e integrada de meio ambiente e trabalham para fortalecer o diálogo entre as pessoas e o bairro.



Pistas de observação - meio ambiente

1. Você sabe se falta água no bairro?

Com qual frequência? A água demora para voltar?

2. Há cursos d'água ou nascente no bairro?

3. Vamos reparar se os cursos de água, ou a rua, recebem água usada (suja que vem das casas, dos estabelecimentos).

4. Vamos reparar se há poças de água nas ruas.

Há água suja acumulada em lotes vagos, por exemplo, em pneus?

5. Há lixeiras nas ruas? O lixo está nas lixeiras?

6. Há material a ser reciclado misturado com outros tipos de lixos?

7. Qual dia a prefeitura recolhe o lixo? O caminhão da coleta seletiva passa no bairro?

8. Você está achando a rua suja?

9. Você viu na sua caminhada pontos de coleta de vidro, de papel reciclado e outros parecidos?

10. Você sabe o que é sarjeta e boca de lobo? Elas estão limpas, ou estão entupidas?

11. Você vê barranco caindo, solo trincado?

12. Qual é o tipo de calçamento das ruas?

13. As praças são bem conservadas, o chão está trincado, seco?

14. Há áreas verdes? É possível ficar nessas áreas?

15. Tem árvores frutíferas? Elas são acessíveis?

16. Você sabe se as pessoas que moram nesta rua têm o hábito de se sentarem na calçada, na porta da rua?

17. Você encontrou animais durante a caminhada? Você sabe identificar que tipos de animais existem no bairro?



ENTRADA G

saúde no bairro



E NTRADA G: SAÚDE NO BAIRRO

Maria Terezinha Bretas Vilarino

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021) entende que a saúde vai “muito além da ausência de doenças, [e que] é preciso considerar o bem-estar físico, mental e social” das pessoas. Nesse caso, é preciso considerar os indicadores de saúde que são um “conjunto de acontecimentos, fatos, situações e comportamentos da vida econômica, social, ambiental, política, governamental, cultural e subjetiva, que afetam positiva ou negativamente a saúde de: indivíduos, segmentos sociais, coletividades, populações e territórios” (Observatório sobre Iniquidades em Saúde/ ENSP/Fiocruz)¹.

Pensar o bairro através da entrada - *Condições sanitárias e determinantes socioculturais de saúde* – nos permite compreender a percepção dos envolvidos na pesquisa sobre os conceitos de saúde e doença e seus entendimentos sobre os determinantes sociais de saúde e como esses se fazem presentes ou ausentes em sua comunidade/bairro. Os significados e sentidos que a saúde recebe estão relacionados ao cenário social, econômico, político e cultural dos sujeitos, com os valores individuais e as concepções científicas, filosóficas e religiosas.

Os determinantes sociais como as condições de vida, incluindo as socioeconômicas, de moradia, educação, saneamento básico, lazer, violência, entre outros, são influentes no processo de adoecer, recuperar e manter a saúde. O reconhecimento dos determinantes socioeconômicos e culturais pode contribuir para que os alunos (e a escola) sejam agentes de mudanças pessoais e coletivas, além de fomentar o interesse por cobrar do poder público ações que visem à melhora das condições de saúde para todos.

¹ Disponível em: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/glossary/iniquidades-em-saude/>

Acreditamos que a conscientização sobre esses aspectos será um caminho apropriado para ampliação do entendimento dos processos de saúde-doença e de estímulo a novas práticas de cuidado com a saúde.

Pistas de observação - saúde

Levantamento de elementos materiais que contribuem para conhecimento sobre as condições de saúde no bairro.



- 1.** Você identificou algum local de atendimento à saúde (postos de saúde, clínicas médicas, consultórios odontológicos, farmácias)?
- 2.** Vamos anotar o endereço? Esses serviços de atendimento são de fácil acesso?
- 3.** Esses espaços são para atendimento público, ou particular (é preciso pagar pelo atendimento)?
- 4.** Há cartazes informativos? Vamos fotografá-los?
- 5.** Temos pessoas por perto esperando atendimento?
- 6.** Você ou sua família utiliza desses locais de atendimento? Quais?
- 7.** É possível observar a existência de jardins e/ ou hortas com plantas medicinais nas ruas ou nas casas?
- 8.** Você conhece, ou sabe de alguém que atende às pessoas benzendo doenças, ou fazendo chás?
- 9.** No aspecto geral de limpeza da rua, você observou alguma coisa que pode ser causa de adoecimento para as pessoas?
- 10.** O bairro recebe água tratada? E rede de escoamento de esgoto doméstico e/ou industrial?
- 11.** Como é o serviço de limpeza das ruas e coleta de lixo?

Direcionamos a você leitor/a uma pergunta feita ao final de cada entrada/pista aos caminhantes:

OUTRAS PISTAS:

Você observou algo mais que deseje registrar?





DICAS PARA USO DA FERRAMENTA

3

DICAS PARA USO DA FERRAMENTA

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Jhonathan Hwang Gonçalves da Silva

1 . **Tecnologia Social** define-se como:

Método, processo ou produto transformador, desenvolvido e/ou aplicado na interação com a população e apropriado por ela, que represente solução para inclusão social e melhoria das condições de vida e que atenda aos requisitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e replicabilidade (CAPES, 2019, p. 36).

2 . Assuma uma postura dialógica e reconheça protagonismos e saberes das pessoas, grupos ou comunidades envolvidas.

3 . Como você observou, essa Tecnologia Social não requer muitos investimentos financeiros e pode ser implementada com os recursos e materiais já existentes nas escolas.

4 . Busque soluções com vistas à inclusão social e amplie essa ferramenta a partir da escuta das pessoas/grupos ou comunidades, agregando a essa escuta os seus conhecimentos das entradas propostas. Outras entradas podem ser criadas e as que apresentamos podem ser recriadas – “Há várias maneiras de se alcançar uma cidade” ...

5 . Confira algumas fotos e depoimentos sobre o uso dessa tecnologia e como ela foi reaplicada. A reaplicação considera que os sujeitos e contextos mudam, portanto, uma Tecnologia Social, não é uma mera cópia do original (FABRI; FREITAS; POLLETO, 2020).



Depoimentos

1 . A experiência da utilização da cartografia foi extremamente proveitosa e de grande utilidade para os estudantes. Ao utilizarem ferramentas como o My Maps, os estudantes se sentem inseridos dentro do contexto das atividades, por trabalharem com ambientes que lhes são familiares. No caso da ciência cidadã, em que foi trabalhado o tema da Leishmaniose, além de familiarizar os estudantes com o ambiente e inserir sua região em uma atividade, a cartografia permite que os alunos trabalhem a questão da saúde coletiva dentro da comunidade em que vivem, fazendo com que eles compreendam que as ações do dia a dia afetam diretamente a vida de todos. Acredito que a cartografia pode e deve ser utilizada dentro das diferentes aulas do ensino fundamental, como nas aulas de geografia e ciências, por exemplo, por possibilitar o trabalho de temas inseridos e visíveis por todos dentro do seu território. (Higor Moura - professor de ciências da rede municipal de ensino de Governador Valadares, MG).

2 . A experiência que obtive com a realização desse trabalho foi boa. Trabalharia novamente com os estudantes, porém em outras turmas. Com a intenção de poder observar a respeito de como eles interagem em grupo e também a maneira como eles utilizam seus corpos para assim expressar suas lateralidades.

Durante a observação do trabalho dos grupos (elaboração e apresentação de mapas), os estudantes apresentavam conhecimentos, tanto da matemática, expressando os números das casas (para quem era morador do centro) e quem era morador da periferia utilizava a escrita de numerais para apresentar em qual casa eles moravam, uma vez que nos bairros da periferia não havia números nas casas e nem nas ruas. No campo da geografia, eles apresentavam conhecimento em relação à localização e lateralidade, usando pontos de referência para apresentar seu bairro. Usavam o corpo para expressar lateralidade, como direita, esquerda, em frente etc (Élida Laurindo de Souza – professora de Matemática da rede estadual de ensino da cidade de Água Doce do Norte, ES)

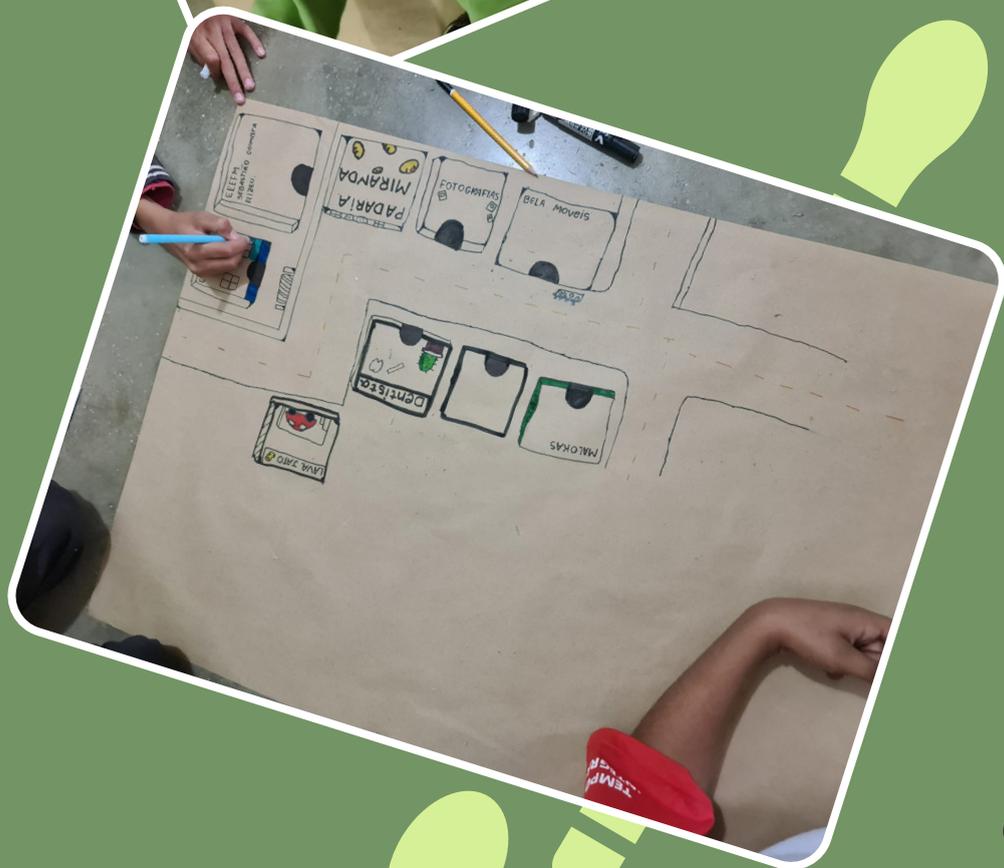
3. A cartografia é uma ferramenta essencial no ensino, especialmente quando aliada à prática e à tecnologia. A experiência de sair em caminhada com os alunos foi enriquecedora, permitindo uma imersão no ambiente real e no espaço vivido. O uso do My Maps transformou o aprendizado, tornando as aulas mais envolventes, práticas e estimulando o pensamento crítico, o trabalho em equipe e a comunicação. (Professor Edilson Faria Lima– Rede municipal de ensino de Governador Valadares)

4 . Meu nome é Diana Souza Alves. Sou professora de geografia do ensino médio, na Escola Estadual Doutor Antônio Ferreira Lisboa Dias , bairro Sir, na cidade de Governador Valadares, MG. Para mim, tem sido um privilégio poder acompanhar e participar juntamente com meus alunos do processo de construção dos mapas, do projeto sobre as espécies de vetores em torno da escola. Tem sido incrível ver o progresso dos alunos no projeto, a empolgação que eles têm tido na realização das atividades propostas pela equipe Leas e, principalmente, vê-los perceberem o quanto o conhecimento que eles têm sobre o bairro é importante. Eles são os protagonistas do projeto. Isso faz com que eles se sintam à vontade para expressar suas opiniões, dar sugestões e, sobretudo, querer fazer acontecer. Eles trabalharam na construção dos mapas, localizaram as possíveis áreas afetadas e agora estão animados e ansiosos pela pesquisa de campo e com os possíveis resultados, sabendo da importância desse estudo para melhorar a qualidade de vida e saúde da comunidade .

5 . A cartografia desempenhou um papel crucial em nossa pesquisa, permitindo-nos realizar um detalhado mapeamento ambiental das potenciais áreas de risco para as leishmanioses. Além disso, aproximou os estudantes do projeto, ao atribuir significado ao território investigado, que incluiu a escola em questão e os arredores, onde muitos deles residem. (Mariana Alcântara Oliveira, professora de biologia da rede estadual de ensino da cidade de Governador Valadares, MG).

6 . Tive a oportunidade de usar a plataforma *Google My Maps* em uma oficina de Matemática na Escola Municipal Padre Eulálio Lafuente Elorz onde leciono e realizar caminhadas com estudantes junto ao Projeto Conversando com a Cidade. A experiência foi fantástica e de muitas aprendizagens. Os estudantes mostraram a cartografia não se reduz apenas ao traçado e à leitura de um mapa, mas à sensibilidade de assumir o papel de cartógrafos, corporificando prática sde cartografar. Os percursos escolhidos e representados no mapa de cada estudante e aqueles que foram socializados em seus posicionamentos discursivos, mobilizam sistemas linguísticos, conhecimentos, critérios, procedimentos, códigos, representações e valores que noções espaciais relacionadas à acessibilidade e conhecimentos sobre escala, proporcionalidade, grandezas e unidades de medida, além de aspectos específicos da cartografia que servem à comunicabilidade (Ianna Patrícia Faria Costa)









Caminhando e conversando com a cidade: entradas para uma cartografia territorial





Caminhando e conversando com a cidade: entradas para uma cartografia territorial





SOBRE

os/as autores/as



SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Andrea Cecilia Moreno

Pedagoga e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Especialização em Docência do Ensino Superior e Educação Especial. Atualmente atua como pedagoga da Diretoria de Educação a Distância da UNIVALE e como pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos –NIESD/UNIVALE. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5930648927482133>

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães (Org.)

Arquiteta e urbanista, com Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Doutorado em Ciências humanas: sociologia e política, com ênfase em planejamento urbano, sendo os três títulos concedidos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente do Instituto Federal de Minas Gerais campus Governador Valadares. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos –NIESD/UNIVALE. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8570630303189067>

Crisitane Mendes Netto

Bacharel em Informática pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Mestre em Ciência da Computação e Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos –NIESD/UNIVALE e do Observatório Interdisciplinar do Território – OBIT/UNIVALE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7530542569873879>

Eloisa Maria Ferreira de Almeida

Pedagoga e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. Pedagoga da rede pública municipal de ensino de Governador Valadares. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos - NIESD//UNIVALE. e do Laboratório Cidadão de Ecologia do Adoecimento e Saúde dos Territórios – LEAS, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2195628622924644>

Karla Nascimento de Almeida

Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Docente do curso de Pedagogia da UNIVALE, pedagoga do Setor de Gestão Pedagógica e do Projeto de Extensão Anjos da Alegria. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5508751851169003>

Jhonathan Hwang Gonçalves da Silva

Graduando em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. Bolsista de Iniciação Científica com apoio pela FAPEMIG no Projeto de pesquisa “Conversando com a cidade: cartografia de territórios educativos em bairros de Governador Valadares”. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0553450323128108>

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (org.)

Pedagoga e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Docente do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Pesquisadora vinculada aos Grupos de Pesquisa: Grupo de Pesquisa Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE; Grupo de Estudos sobre Numeramento – UFMG; Pesquisadora vinculada à Rede

Internacional Relação com o Saber - RI

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2703384157059932>

Maria Terezinha Bretas Vilarino (Org.)

Graduada em Ciências Sociais. Mestre e Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora Assistente da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Docente do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Atua na Organização Não Governamental – ONG – Centro Agroecológico Tamanduá (CAT), em Governador Valadares, da qual é socia fundadora. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3726945999922150>

Renata Bernardes Faria Campos

Licenciada e bacharel em Biologia, Mestre e Doutora em Entomologia pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território. Pesquisadora do Laboratório Cidadão de Ecologia do Adoecimento e Saúde dos Territórios – LEAS da Univale em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5599178303238933>

Roosvany Beltrame Rocha

Pedagoga e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Doutoranda em Educação pela UFOP. Atualmente atua como Gestora Escolar da Escola Municipal Padre Eulálio Lafuente Elorz em Governador Valadares/MG. É representante do Ensino Fundamental no Conselho Municipal de Educação (CME) de Governador Valadares/MG

e Consultora Educacional da Atual Assessoria e Consultoria na área de Formação de Professores da Educação Básica. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1315119816961026>

Thiago Martins Santos

Licenciado em Ciências Biológicas e Pedagogia e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor auxiliar da UNIVALE, e professor colaborador voluntário do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da UFJF – Campus Governador Valadares. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1907699147565032>

Wildma Mesquita Silva

Administradora, Pedagoga. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Atua como pedagoga da Diretoria de Educação a Distância e como professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da UNIVALE. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9153757788307060>



REFERÊNCIAS

R eferências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 9050/2015**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf. Acesso em: 9 jun. 2024.

ACSELRAD, Henri. (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

ACSELRAD, Henri. (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013. (Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, 3.)

ALMEIDA; Alfredo Wagner Berno de; FARIAS Emmanuel de Almeida Farias Júnior. **Povos e comunidades tradicionais**: nova cartografia social. Manaus: UEA Edições, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cademo Cedes**. Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jun. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Espaços da escola**, Espaços da escola, Santa Rosa, n. 47, p. 11-14, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4550552/mod_resource/content/1/texto1B_hcallai_2003.pdf. Acesso em: jun. 2024.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo; Companhia das Letras, 1990.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set/dez, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160>. Acesso em: 9 jun. 2024.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. A geografia cultural no Brasil. *In*: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo. (orgs.) **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p. 11-25. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Travessia do Século).

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Grupo de Trabalho**. Produção Técnica. Brasília, 2019.

FABRI, Marília Gabriela Souza; FREITAS, Carlos Cesar Garcia ; POLETTO, Rodrigo de Souza. Reaplicação de tecnologia social: análise de casos do banco de tecnologias sociais da Fundação Banco do Brasil. **Rev. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 16, n. 45, p. 92-107, out./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/10249>. Acesso em: 9 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2001.

GOMES, Marquiana de F. Villas. Boas. Cartografia social e Geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/488>. Acesso em: 9 jun. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. Da U UFMG, 1999.

LEFÉBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

ROCHA, Daniel Rômulo de Carvalho.; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Educação integral em tempo integral: o bairro como território educativo. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 10, p. e019010, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7084>. Acesso em: 9 jun. 2024.



APÊNDICE

Ebooks produzidos com a tecnologia social

Confira os materiais elaborados pelos/as pesquisadores/as autores/as desta obra a partir dos dados coletados com a aplicação da tecnologia social



Conversando com a cidade: cartografias no bairro Santa Helena em Governador Valadares - MG, Territórios vividos e Territórios Educativos

Organização: Maria Celeste Reis Fernandes de Souza; Karla Nascimento de Almeida; Andrea Cecília Moreno; Roosvany Beltrame Rocha.

Disponível em: <https://editora.univale.br/conversando-com-a-cidade-cartografias-no-bairro-santa-helena-em-governador-valadares-mg-territorios-vividos-e-territorios-educativos/>



Conversando com a cidade: cartografias na comunidade do Morro do Carapina, Governador Valadares - MG, Territórios vividos e Territórios Educativos

Organização: Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, Karla Nascimento de Almeida, Andrea Cecília Moreno, Eloisa Maria Ferreira de Almeida.

Disponível em: <https://editora.univale.br/conversando-com-a-cidade-cartografias-na-comunidade-do-morro-do-carapina-governador-valadares-mg-territorios-vividos-e-territorios-educativos/>



Conversando com a cidade: cartografias no bairro Turmalina, Governador Valadares - MG, Territórios vivos e Territórios Educativos

Organização: Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, Karla Nascimento de Almeida, Andrea Cecília Moreno, Ana Luiza Martins Pinto.

Disponível em: <https://editora.univale.br/conversando-com-a-cidade-cartografias-no-bairro-turmalina-governador-valadares-mg-territorios-vivos-e-territorios-educativos/>



E laboração



GIT

Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território



P arcerias



A gradecimentos

- Escola Estadual Carlos Luz (Superintendência de Ensino de Governador Valadares/MG).
- Escola Municipal Padre Eulálio Lafuente Erloz e Escola Municipal Ivo de Tassis (Secretaria Municipal de Ensino de Governador Valadares/MG).

A poio





univale
editora